



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Erick Messias Costa Otto Gomes¹

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo: uma análise da narrativa Apuleiana

The discourses about masculine and feminine roles in the Ancient
Mediterranean: an analysis of Apuleian narrative

Resumo:

Neste artigo será desenvolvida a temática das representações do feminino e do masculino na narrativa literária *O Asno de Ouro*, de Lúcio Apuleio (século II d.C.). Nosso objetivo é duplo: em primeiro lugar, uma análise sobre as relações de gênero no discurso historiográfico, para compreender o espaço da diferença sexual, mas, sobretudo, analisá-lo a partir dos papéis sexuais, os quais são construídos de maneira relacional na sociedade. Em segundo, privilegiaremos a construção apuleiana sobre as funções femininas e masculinas, levando-se em consideração dois personagens, Panfília e Milão. A partir deles, o autor critica o comportamento feminino por distanciar-se do ideal de matrona, com o objetivo de acentuar, especialmente, a ausência de *auctoritas* do masculino.

Palavras-Chave:

Gênero; Feminino; Masculino; Crítica social.

Abstract:

In this article, we will develop the theme of representations of feminine and masculine in the literary narrative *The Golden Ass*, by Lucius Apuleius (century II A.D.). We have two aims: first, we will make an analysis of the gender relations in the historiographic discourse, so that we understand the space of sexual difference, but, most of all, that we analyse it from the sexual roles, which are constructed in a relational manner in society. Second, we will center in Apuleian construction about feminine and masculine functions, taking into consideration two characters, Panfilia and Milan. From them, the author criticizes feminine behavior because they held off the ideal of matron, aiming to emphasize, especially, the absence of *auctoritas* of the masculine.

Keywords:

Gender; Feminine; Maculine; Social Criticism.

¹ Graduando em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista PIBIC, financiado pelo CNPq.

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Neste artigo serão analisadas as representações do masculino e do feminino feitas por Apuleio em sua narrativa *O Asno de Ouro* (século II d.C.). O texto se divide em dois momentos: primeiro faço um esboço sucinto a respeito da história das mulheres e como surgiu a categoria gênero para se compreender o espaço da diferença sexual, a qual se constitui de maneira relacional na sociedade; de tal modo, compreendemos que as relações entre homens e mulheres são socialmente determinadas, assim como as definições de masculino e feminino e as atribuições de papéis sexuais. No segundo momento, analiso a maneira através da qual Apuleio constrói um discurso que pretende definir papéis socialmente aceitos para homens e mulheres, com o objetivo de resgatar o antigo rigor do matrimônio, o qual se enfraqueceu, sobretudo, pela facilidade do divórcio.

A chamada história das mulheres surgiu enquanto campo de estudos na década de 1960². As historiadoras feministas reclamaram as mulheres enquanto sujeitos históricos e, mais do que isso, queriam (re)escrever uma história que as cogitasse enquanto atores imprescindíveis dos processos históricos. O mérito destas reivindicações foi apresentar as mulheres como objetos e sujeitos da história. Sua crítica recaía sobre a história escrita até então, a qual percebiam como parcial e incompleta, com uma predominância da visão masculina e patriarcal sobre os eventos históricos. Em relação à Antiguidade, surgiram diversas pesquisas sobre as mulheres, as quais visavam não mais àquelas denominadas “célebres”, como, por exemplo, Messalina ou Cleópatra, “cujo interesse estava na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham” (Feitosa, 2008: 124).³

² A história das mulheres surgiu de um duplo movimento: por um lado, de uma relação complexa com a política, e não apenas como um reflexo do crescimento da política feminista externa à academia; por outro lado, ela envolveu a expansão dos limites do próprio campo da história, fato que não foi uma operação direta ou linear, não foi apenas uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando (Scott, 1992: 64-75). Para uma explicação mais completa a respeito do surgimento deste campo ver Scott, 1992: 63-95.

³ Apesar disso, a abordagem da mulher na história da Antiguidade sofreu várias críticas. Desde a década de 1960, produziram-se diversos estudos sobre as mulheres em Roma, “os quais, no entanto, apresentam ainda alguns problemas de ordem metodológica que necessitam ser definitivamente superados, tais como: 1) grande quantidade de trabalhos enfocando os aspectos jurídicos da condição feminina em Roma e não os sociais e econômicos; 2) predominância de pesquisas referentes à mulher grega; 3) tentativa, por parte de alguns autores, de encontrar em Roma exemplos de movimentos de liberação feminina similares aos atuais; 4) extrema carência de documentos” (Gonçalves; Silva; Carvalho, 1997: 12).

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Entretanto, há uma determinada ambiguidade nessa história das mulheres, pois ela é, a um só tempo, suplemento inócuo à história estabelecida e deslocamento radical dessa história, visto que a expressão “história das mulheres” exclui deliberadamente os homens de seu foco, tornando-se, da mesma forma, parcial (Scott, 1992: 75; Houbre, 2004: 137). Nesse sentido, a produção das pesquisas feministas situava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, além de, em muitos casos, serem apenas estudos descritivos dessas personagens.

Em suma, a história das mulheres trazia em seu bojo duas abordagens distintas: uma procurava evidenciar a semelhança de atuação das mulheres e dos homens, enquanto a outra ressaltava a diferença das mulheres; ambas consideravam as “mulheres” como uma categoria social fixa e separada. Segundo Joan Scott, “a categoria ‘mulheres’ assumiu uma existência como entidade social separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria ‘homens’” (Scott, 1992: 83). Deixavam-se de lado, além disso, as diferenças entre as próprias mulheres, construindo, assim, sujeitos históricos universais, pois não se apontava sua pluralidade no interior da sociedade.

Destarte, não se propunha uma análise da relação entre os sexos; tinha-se, ao contrário, uma análise binária, na qual os “homens” e as “mulheres” eram tratados como sujeitos históricos fixos, cada um atuando em um espaço distinto, próprio à sua “natureza”. Aliás, a única forma de relação possível entre esse par dicotômico era a relação entre dominante e dominado, sempre pensada em detrimento à mulher, tornando a opressão o fator principal da relação entre os sexos.

Além disso, o viés de análise das mulheres sustentava-se sobre um determinismo biológico, pois enfatizava a noção biológica do sexo, ou seja, as categorias “homens” e “mulheres” se referiam, respectivamente, aos corpos machos e aos corpos fêmeas. Assim, não havia uma cautela em perceber as bases conceituais do “patriarcado”, a maneira através da qual a diferença sexual se naturaliza na cultura, a construção e os efeitos dos sistemas de dominação masculina sobre as mulheres e a resistência das mulheres a eles (Scott, 1992: 84).

A partir do exposto acima podemos apresentar, em suma, algumas das fragilidades da história das mulheres nesse primeiro momento:

“a predileção sempre sensível pelo estudo do corpo, da sexualidade, da maternidade, da fisiologia feminina e das profissões próprias de uma “natureza” feminina; a dialética

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
 Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
 uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

sempre utilizada da dominação e da opressão que não sai senão do enunciado tautológico, uma vez que não se tenta analisar por quais mediações específicas, no tempo e no espaço, esta dominação se exerce; uma inflação de estudos sobre os discursos normativos que mal levam em conta as práticas sociais e os modos de resistência a estes discursos, e que induz, algumas vezes, a uma espécie de autofascinação pela infelicidade; um desconhecimento da história do feminismo e de sua articulação com a história política e social; uma falta de reflexão metodológica e, sobretudo, teórica” (Soihet, 2001: 9).

De tal modo, perdia-se a complexidade da construção social, cultural e, portanto, histórica do feminino e do masculino, complexidade esta que é resgatada a partir do emprego da categoria “gênero” como conceito utilizado para se compreender o espaço da diferença sexual, mas, sobretudo, analisá-lo a partir dos papéis sexuais, os quais são construídos de maneira relacional na sociedade.

Não queremos, através da exposição feita anteriormente, desmerecer os méritos dos estudos desse primeiro momento da história das mulheres, pelo contrário, haja vista que “a contribuição principal da abordagem descritiva da história das mulheres foi a de evidenciar a experiência das mulheres” (Tilly, 1994: 36). Entretanto, vale lembrar que as próprias historiadoras passaram a se questionar e perceber os problemas da história que produziram e os limites das categorias utilizadas até então.

Na tentativa de superar esses impasses e desafios iniciais, as historiadoras das mulheres do final dos anos 1970, e especialmente as da década de 1980, apropriaram-se do conceito de gênero, o qual passou a ser utilizado no lugar de “sexo”, em uma tentativa de teorizar a questão da diferença sexual, e não mais tomá-la como natural, além de rejeitar a oposição binária masculino *versus* feminino.

“‘Sexo’ é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. ‘Gênero’, pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em ‘masculino’ e ‘feminino’ [...]. Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero” (Oakley, 1972: 16 *apud* Tilly, 1994: 42).

Temos, dessa forma, uma ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social e cultural de gênero. Substituem-se as noções de “homem” e “mulher” pelas de masculino e feminino, visto que estas últimas abrem maiores possibilidades de análise. Como pontua Kofes:

Gomes, Erick Messias Costa Otto.

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

“Quando se fala em gênero há um alargamento do campo categórico e de sentidos. As categorias “mulher” ou “homem” recobrem, no meu entender, um campo de referências mais restrito que as categorias masculino e feminino, e as primeiras poderiam ser consideradas como partes das segundas. Desta forma, não haveria oposição, exclusão ou substituição (mulher e/ou gênero, gênero por mulher) mas gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual.” (Kofes, 1993: 28-29).

A partir disso, é pensado o gênero masculino e o gênero feminino, e não mais no sexo feminino e no sexo masculino; a compreensão dos gêneros se afasta do determinismo biológico. Através dessa nova perspectiva, tem-se que as relações entre o masculino e o feminino e suas representações são resultados de interações sociais, isto é, as relações de gênero são constitutivas das outras relações sociais.

A categoria gênero não é homogênea como a noção de sexo ou de “mulheres”, e, além disso, os papéis de masculino e de feminino variam de sociedade para sociedade, e até mesmo dentro de uma mesma sociedade, dependendo do grupo social em que se está inserido. Dessa forma, podemos afirmar que as relações entre homens e mulheres são socialmente determinadas, assim como as definições de masculino e do feminino e as atribuições de papéis sexuais, enfim, tudo o que envolve as questões de gênero.

Em resumo, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, as quais se baseiam nas diferenças entre os sexos e, além disso, é um conceito relacional, haja vista que não se pode compreender o feminino e o masculino em separado, pois um se define em relação ao outro. Nesse sentido, para “entender as relações sociais de gênero, ao invés de um conceito de dominação, utiliza-se um conceito de poder que não seja centralizado, unificado” (Coulouris, 2004: 64). Essas práticas de poder, segundo a noção foucaultiana (1986; 1996), constituem saberes e discursos, fato que nos permite pensar em normas de comportamento que são elaboradas no interior destas mesmas práticas de poder e de saber.

De acordo com Daniella Coulouris (2004: 66), essas “normas, construídas em um processo de embates e conflitos, e não de consenso, não atuam “sobre” o sujeito, mas “constituem” o sujeito generificado: masculino ou feminino”. Entretanto, ao pensar essa construção *apenas* como conflito, não se abre espaço para que surjam “as diversas sutilezas presentes nas relações entre os sexos, das quais não estão ausentes alianças e

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

consentimento por parte das mulheres” (Soihet, 1997: 106). Dessa forma, na medida em que esse discurso é interiorizado pelos sujeitos, ele se torna consensual, um código de comportamento partilhado pelos dois sexos.

Nesse particular são importantes as considerações de Chartier a respeito do aspecto simbólico da dominação masculina. Segundo o autor, “longe de afastar do “real” e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros” (Chartier, 1995: 40). Mas é importante ressaltar que esta incorporação não exclui afastamentos e manipulações como ocorre, por exemplo, quando as mulheres se conformam com os cânones corporais definidos pelo olhar masculino, o que não significa simplesmente se curvar a uma submissão alienante, mas também construir um recurso que permite deslocar ou subverter a relação de dominação (Chartier, 1995: 41).

A apropriação, por parte das mulheres, das normas corporais deve ser entendida, dessa forma, como uma estratégia que elas empregam para fins pessoais; é uma representação imposta e aceita, mas que se volta contra a ordem que a produziu, ou seja, o uso do consentimento pode ser analisado como uma estratégia de poder, haja vista que “a questão do consentimento [é] o ponto central no funcionamento de um sistema de poder, seja ele social e/ou sexual” (Farge e Perrot, 1992: 20-21 *apud* Chartier, 1995: 42)⁴.

A diferença sexual, a qual se inscreve nas práticas sociais, é sempre construída pelo discurso que a funda e a legitima. Torna-se imprescindível compreender e identificar os mecanismos que enunciam como “natural” a divisão sexual dos papéis e das funções de masculino e do feminino, perceber como essa divisão é construída social e historicamente como sendo irreduzível e universal. Devemos vincular a construção discursiva do social e a construção social do discurso quando tratamos da constituição dos gêneros, visto que estes são produtos das interações sociais. Através do uso da categoria gênero para se compreender a relação entre os sexos, “percebe-se que os sujeitos são constituídos através de práticas sociais, ao mesmo tempo em que as constituem” (Coulouris, 2004: 68).

⁴ De acordo com Roger Chartier (1995: 42), “Nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação masculina tomam a forma de dilacerações espetaculares, nem se exprimem sempre pela irrupção singular de um discurso de recusa ou de rejeição. Elas nascem com frequência no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência”.

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Gênero, nessa perspectiva, pode ser tratado como uma representação social, no sentido proposto por Roger Chartier. Segundo o autor, as representações sociais devem ser consideradas

“esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras ‘instituições sociais’, incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social [...] mas também considerar, colorariamente, essas representações coletivas como as matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social [...]” (Chartier, 2002: 72).

Ademais, as representações permitem aos indivíduos a possibilidade de darem sentido ao seu mundo, isto é, encontrarem a ordenação de suas próprias estruturas sociais, na medida em que são construções, embasadas na realidade vivida, as quais traduzem as posições e interesses dos atores sociais e que, ao mesmo tempo, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. Dessa maneira, as representações são mecanismos criados pelos grupos com o objetivo de impor sua concepção de mundo e seus valores.

O gênero, enquanto categoria de análise histórica é capaz de revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações histórica e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens.

“Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder” (Possas, 2004: 265-266, *apud* Gonçalves, 2006: 73-74).

A partir do exposto acima analisarei agora como Apuleio constrói os papéis masculino e feminino em sua narrativa, levando-se em consideração dois personagens, Panfília e Milão (Livros I ao III). A partir dessa análise, apresento uma possível interpretação a propósito de o porquê o autor representar estes personagens da forma como o faz. Minha hipótese é a de que Apuleio critica o comportamento feminino por distanciar-se do ideal de matrona, com o objetivo de acentuar, em especial, a ausência de *auctoritas* do masculino, a qual permite o papel desviante da mulher.

A obra *O Asno de Ouro* narra a história do jovem aristocrata Lúcio que viaja a negócios para Hípata, cidade da Tessália, na qual se hospeda na casa de Milão. O protagonista, ávido pelos conhecimentos mágicos, envolve-se com magia e, por um erro, acaba transformado em asno, sob a pele do qual vive

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

inúmeras aventuras e narra diversas histórias que vivencia ou que escuta com suas longas orelhas, haja vista que a metamorfose em asno

“o insere em um observatório privilegiado, que lhe permite registrar fielmente a realidade que o circunda: de um lado, o aspecto animalesco faz de Lúcio/asno uma insuspeitável testemunha; de outro, a natureza humana o torna sempre capaz de responder pelas suas fontes de informação” (Fedelli, 2010: 389).

Nosso enfoque é a narrativa de Milão, contada pelo protagonista antes da metamorfose em asno. Milão é um homem avarento, conhecido por sua mesquinhez. Possui uma esposa chamada Panfília e apenas uma jovem escrava, Fótiis. O personagem, devido a sua avareza, não ministra o necessário para o bom funcionamento do lar, fator que o afasta do ideal de *paterfamilias*, o qual deveria ser um homem que provém as necessidades do lar e de sua família, bem como exercer sua cidadania, de forma a participar dos assuntos públicos e de interesse da cidade.

A própria localização da casa de Milão é significativa a esse respeito: mora em uma casa que fica no limite entre a cidade e o campo, o que já representa certa distância em relação ao corpo coletivo da cidade. Sua localização geográfica na fronteira entre o rural e o urbano indica um afastamento de suas funções cívicas, ou seja, apesar desse personagem ser um homem rico, um cidadão conhecido na cidade, não é virtuoso, pois não fornece benefícios para a mesma, os quais poderiam ser feitos através de doações⁵; nem exerce seu papel de gerir e suprir as necessidades do lar e da esposa, pois o medo que tem dos ladrões roubarem suas riquezas faz com que viva em uma casa pequena, a qual dispõe de poucos móveis, insuficientes

⁵ Aproprio-me aqui do conceito de evergetismo cunhado por Paul Veyne (1989) para compreender o que era ser um cidadão virtuoso nas cidades do Império. Não adiantava nada um romano ser rico se não estava entre os primeiros de sua cidade, se não se projetara na cena pública. Para ter grandeza pública, um notável tinha que possuir grandeza social, e para consegui-la, o melhor caminho era alcançar o título honorífico de patrono da cidade, que tinha como causa ou consequência algum benefício ou serviço que o aristocrata prestara à comunidade: doar uma soma ao Tesouro municipal, construir ou restaurar um edifício etc (Veyne, 1989: 91-92). “Além disso, tais notáveis financiavam os espetáculos públicos que anualmente alegravam a cidade, desde que tivessem o suficiente, pois quem alcançava uma dignidade municipal devia pagar. [...] E havia mais: independentemente de qualquer função pública, os notáveis ofereciam a seus concidadãos, de livre e espontânea vontade, edifícios, combates de gladiadores, banquetes ou festas” (Veyne, 1989: 104). Nesse sentido, é possível compreender porque o personagem Milão não é um cidadão virtuoso, haja vista que sua extrema avareza o impede de fazer doações à cidade de Hípata, fato que não lhe permite praticar o evergetismo e/ou possuir grandeza social e, por consequência, política.

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
 Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
 uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

frente à necessidade do lar, cujo único investimento significativo é na segurança das portas, que são solidamente aferrolhadas (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro I, XXII-XXIII).

De acordo com as palavras de uma velha hospedeira, Milão é

“um homem que possui haveres em abundância, mas desacreditado por sua extrema avareza e sua sórdida baixaza. Com efeito, ele pratica a usura proveitosamente, tomando como penhores o ouro e a prata. Confinado numa salinha, ali vive possuído pela paixão que o consome. Tem, não obstante, uma esposa, companheira da sua calamitosa existência. Ele não sustenta senão uma pequena escrava, e sai sempre vestido como um mendigo” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro I, XX).

É nesse meio em específico que a esposa de Milão, Panfília, se utiliza da magia. Ela é uma feiticeira que emprega sua mágica para diversos fins, entre os quais atrair amantes. A prática da magia adivinhatória tem sua origem em uma situação de opressão, que advém de uma falta de autoridade do marido. No exemplo de Panfília tem-se a instituição do matrimônio como cenário opressivo, por meio da avareza de Milão, fato que inaugura uma não discursividade da figura do homem-provedor, do *pater* responsável pela sua *domus*, da mulher-abelha que distribui as atividades essenciais do lar; ao contrário, têm-se um homem não-político, o qual provém o mínimo necessário ao lar, e como resultado uma mulher que se utiliza de magias suspeitas e coloca uma escrava como sua aprendiz.

A narrativa apuleiana apresenta o episódio em que Panfília sente atração por um jovem beócio. A feiticeira “movimenta fervorosamente todos os recursos de sua arte” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro III, XVI) para atraí-lo. A personagem prepara seus sortilégios em um terraço de sua casa, o qual frequenta em segredo. Há uma descrição detalhada do local, bem como dos objetos que o compõe:

“Ela dispôs então, para começar, o aparelhamento ordinário de sua oficina infernal, cheia de substâncias aromáticas de todo o gênero, de lâminas cobertas de inscrições desconhecidas, de velas de navios perdidos no mar. Estavam ali expostos inúmeros fragmentos de cadáveres, já chorados ou mesmo já colocados no túmulo: aqui narizes e dedos, ali cavilhas de força, com langanhos de carne, além o sangue recolhido de gargantas cortadas, e crânios mutilados arrancados dos dentes das feras” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro III, XVII).

Gomes, Erick Messias Costa Otto.

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Os artefatos que foram mencionados são peculiares às feiticeiras. As substâncias aromáticas eram usadas em encantamentos, bem como as placas de maldição, também citadas por Apuleio. As partes dos navios e os fragmentos de cadáveres eram igualmente empregados na prática da magia, uma vez que “um poder mágico era conferido a esses objetos por intermédio de sua associação com a morte e catástrofe, bem como pela dificuldade de sua aquisição” (Ogden, 2004: 32).

Panfília usa a magia sempre que se sente atraída por um jovem que lhe chama a atenção, fato que, conforme é narrado por sua escrava Fótis, é muito frequente (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro III, XV). Tais práticas da personagem são condenadas por Apuleio através da fala de Birrena, que alerta Lúcio: “Guarda-te, guarda-te energicamente dos perigosos artifícios e da criminosa sedução dessa Panfília, mulher de Milão que dizes ser teu hospedeiro” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro II, V).

Esta crítica apuleiana à conduta de Panfília faz referência a alguns pontos negativos: o uso da feitiçaria com a intenção da infidelidade; o abandono dos afazeres de dona-de-casa, confiando-lhes a escrava Fótis; além disso, temos uma concepção pejorativa sobre o adultério, pois poderia causar a interrupção sanguínea da tradição e, ao mesmo tempo afetar moralmente o considerado “sagrado lar”; e, por fim, a maior crítica encontra-se na postura passiva do marido, enquanto a cidade sente medo pelo fato dela ser uma feiticeira⁶ (Omena, 2009: 104-105).

Parece haver aqui uma representação do casamento como instituição arruinada, a qual é usada por mulheres para satisfazer seus desejos, enquanto seus maridos não fazem nada a respeito. Como explicar que um aristocrata como Apuleio, educado segundo a moral tradicional, desvalorize o matrimônio? A primeira vista esta pode parecer uma interpretação plausível, mas se observarmos a obra como um todo, logo veremos que a narrativa apuleiana não aponta uma noção segundo a qual os valores do casamento são recusados, isto é, não podemos dizer que Apuleio negue a importância do casamento e nem que ele seja contrário a tal instituição. Meu objetivo é justamente o contrário, qual seja: o de apontar o valor que Apuleio prescreve para o matrimônio. O autor critica sim o casamento, mas não se trata de uma crítica à instituição em si, mas à forma como ela é praticada pelos seus contemporâneos. Vejamos por que.

⁶ As feiticeiras, as quais atuam em seus espaços de sociabilidades, afetavam a ordem pública nas cidades. Suas práticas provocavam a “indignação pública” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro I, X), haja vista que “eram mal vistas na cidade, com gente dada à ciência dos malefícios” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro III, XVI).

Gomes, Erick Messias Costa Otto.
Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Destaco aqui o artigo *Mulher romana e casamento na obra de Apuleio*, de Margarida M. de Carvalho e de Ana Tereza M. Gonçalves (1993), no qual as autoras demonstram que, através da história de Eros e Psiquê, Apuleio valoriza o casamento tradicional, tal qual definido pelo imperador Augusto, além de mostrar os perigos “de um casamento em que os valores tradicionais fossem esquecidos, as virtudes trocadas pela curiosidade exacerbada, a astúcia exagerada e o desrespeito à autoridade do marido” (Carvalho e Gonçalves, 1993: 121). O casamento defendido por Apuleio se baseia em uma moral tradicional, como forma de resistir a um desagregamento dos antigos valores nas camadas mais elevadas da sociedade, propiciado por uma maior liberdade ao divórcio. Apuleio insere-se nas preocupações de seu tempo, pois há em seu discurso cenas que valorizam “as virtudes que deveriam ser inerentes às boas matronas romanas” (Carvalho; Gonçalves, 1993: 118), como o consentimento dos pais para o casamento, a manutenção da fecundidade do grupo social ao qual pertencia, a confiança e a obediência aos conselhos do marido, o cuidado para não precipitar no divórcio (o qual era mal visto pela moral tradicional) e a repulsão de desejos destrutivos como a inveja, a astúcia excessiva e mal-utilizada e a impaciência (Carvalho e Gonçalves, 1993: 118-120). Compreendemos, dessa forma, que a narrativa apuleiana exalta os valores do matrimônio legítimo e conforme o direito civil, pois critica e condena o adultério e as separações. Na verdade, a narrativa apuleiana é uma tentativa de moralização da sociedade, principalmente da elite, haja vista que “Apuleio pode ser inserido no rol dos escritores influenciados por uma moral tradicional – esta moral servia de base para a produção de discursos de outros autores do Principado, quando se pressupunha a existência de certos matizes para a condição feminina e a instituição do casamento” (Carvalho; Gonçalves, 1993: 121).

Se Apuleio tinha proposto um ideal de mulher na história de Eros e Psiquê, por quê ele representa Panfília da forma como o faz? Por quê, em uma história, o autor parece desvalorizar o casamento, enquanto na outra ele valoriza um ideal de matrimônio compartilhado pela aristocracia? Como explicar esta aparente contradição? Minha hipótese é a de que ambas as histórias narradas por Apuleio apresentam uma finalidade idêntica: retomar o antigo valor do matrimônio que, em sua época, tornou-se uma instituição frágil devido à facilidade do divórcio⁷. O que acontece é que, para cada história, o autor usa estratégias diferentes para chegar ao mesmo fim: na primeira são as atitudes de Psiquê que são condenáveis, e para redimir a

⁷ Para maiores detalhes ver Castillo (1986), pp. 183-193.

Gomes, Erick Messias Costa Otto.

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

personagem tem que passar por diversas provas até que se transforme em deusa e, assim, poder se casar com Cupido; no segundo caso são também as atitudes da mulher que o autor reprova, mas acreditamos, nesse episódio, que a crítica principal recai sobre o personagem masculino, Milão, que por sua passividade é o motor da desordem causada por sua esposa. A decomposição da ordem matrimonial, apontada na história de Milão e Panfília, tem sua origem na fraqueza e na passividade masculina, as quais projetam a ação feminina e permitem à mulher agir da forma como faz Panfília.

Apuleio elabora um discurso do masculino e do feminino, um modelo de comportamento de homens e mulheres baseado na moral tradicional. Para compreendermos o discurso apuleiano, precisamos articular a construção do gênero com o grupo social em que o autor está inserido, que neste caso é o da aristocracia, grupo este para o qual o casamento é fundamental, seja para manter a descendência legítima, seja para estabelecer alianças políticas entre as famílias. Em suma, o casamento assegurava a estabilidade política, visto que afirmava as uniões entre as famílias e, ao mesmo tempo, garantia sua continuação segundo os padrões tradicionais.

Desta forma, percebemos que Apuleio pretende emitir uma mensagem aos seus contemporâneos sobre os riscos que advém de uma conduta masculina semelhante à do personagem Milão, o qual, por sua passividade, permite a sua mulher o exercício da magia desligada dos cultos oficiais e, além disso, a prática do adultério, fatos que desagregam a família tradicional e contribuem para a desestabilização dos costumes antigos, tão caros à aristocracia romana.

Referências

Fontes

Lúcio Apuleio (s/d). *O asno de Ouro*. Trad. de Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro.

Bibliografia

Carvalho, M. M. de; Gonçalves, A. T. M. (1993). Mulher romana e casamento na obra de Apuleio. *História*, São Paulo, v. 12, 115-122.

Castillo, A. (1986). El sistema legislativo como elemento fundamental para el desarrollo femenino en el mundo romano. In *La mujer en el mundo antiguo*. Actas

Gomes, Erick Messias Costa Otto.

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

de las V jornadas de investigación interdisciplinaria, Organizadas por el Seminario de Estudios de la Mujer – Universidad Autónoma de Madrid (pp. 183-193). Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid.

Chartier, R. (1995). Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu* (4), 37-47.

Chartier, R. (2002). O mundo como representação. In *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes* (pp. 61-79). Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Coulouris, D. G. (2004). Gênero e discurso jurídico: possibilidades para uma análise sociológica. In Carvalho, M. J. S. e Rocha, C. M. F. *Produzindo Gênero* (pp. 61-79). Porto Alegre: Sulina.

Fedeli, P. (2010). O romance. In Cavallo, G; Fedelli, P; Giardina, A. *O espaço literário da Roma Antiga*. Trad. de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura (pp. 361-392). Belo Horizonte: Tessitura.

Feitosa, L. C (2008). Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antigüidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, 48/49, 119-135.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edusc.

Foucault, M. (1986). *A Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Robert Machado. Rio de Janeiro: Graal.

Gonçalves, A. L (2006). *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica.

Gonçalves, A. T. M.; Silva, G. V. da; Carvalho, M. M. de. (1997). Sobre as representações femininas na Antigüidade. *Estudos de História*, Franca, 4(2), 7-18.

Houbre, G. (2004). A propósito da história das mulheres e do gênero: entrevista com Gabrielle Houbre. Entrevista conduzida por Marlon Salomon. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto, 135-143.

Kofes, S. (1993). Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. *Cadernos Pagu* (1), 19-30.

Ogden, D; Luck, G; Gordon, R; Flint, V. (2004). *Bruxaria e Magia na Europa – Grécia Antiga e Roma*. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras.

Gomes, Erick Messias Costa Otto.

Os discursos sobre os papéis masculinos e femininos no Mediterrâneo Antigo:
uma análise da narrativa Apuleiana
www.revistarodadafortuna.com

Omena, L. M. de. (2009). *Pequenos poderes na Roma imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*. Vitória: Flor e Cultura.

Omena, L. M. de. (2009). A magia como exercício de poder utilizada pelas mulheres fictícias nas metamorfoses de Lúcio Apuleio. *Caderno Espaço Feminino*, 21(1), 99-115.

Scott, J. (1992). História das Mulheres. In Burke, P. (Org.), *A Escrita da História: novas perspectivas* (pp. 63-95). São Paulo: Ed. UNESP.

Shoiet, R. (2001). A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia. *Gênero*. Niterói, 2(1), 7-30.

Shoiet, R. (1997). História das Mulheres. In Cardoso, C. F.; Vainfas, R. (Orgs.), *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia* (pp. 275-296). Rio de Janeiro: Campus.

Shoiet, R. (1995). História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In Aguiar, N. (Org.), *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres* (pp. 95-114). Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.

Tilly, L. A. (1994). Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu* (3), 29-62.

Veyne, P. (1989). O Império Romano. In Veyne, P. (Org.), *História da Vida Privada I: do Império Romano ao Ano Mil*. Coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby (pp. 19-223). São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido: 03 de fevereiro de 2012

Aprovado: 27 de junho de 2012